

A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR EM CLASSE POPULAR A PARTIR DA BIOGRAFIA DE ALGUNS CATADORES DE LIXO, AUTORES DE UM LIVRO, EM SANTA MARIA

Simone Lira da Silva e Tatiane Melissa Scoz*

Cite este artigo: SILVA, Simone Lira da e SCOZ, Tatiane Melissa. A organização familiar em classe popular a partir da biografia de alguns catadores de lixo, autores de um livro, em Santa Maria. Revista *Habitus*: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 21-32. Semestral. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 13 jul. 2009.

Resumo: Este artigo analisa os relatos de catadores de lixo sobre suas famílias e seu trabalho, registrados em forma de pequenas biografias em um livro intitulado *As Histórias de Vida e Lutas de Catadores em Santa Maria*. A partir desse material, levantamos discussões sobre os modelos familiares. Partimos da idéia de que existe, no imaginário social, um modelo ideal de família que orienta os parâmetros do certo ou errado na constituição da família e, assim, outras formas de ser família são vistas com certa reserva, ou então, rotuladas como desestruturadas.

Palavras-chave: Organização familiar, modelo familiar, catadores de lixo.

1. Introdução

A família pode ser considerada um espaço privado da sociedade, o qual sofreu uma hipertrofia em consequência das transformações ocorridas na cidade, no meio rural e na sociabilidade pública da idade média aos dias atuais. Isso é uma reflexão de Philippe Ariès, em seu texto *A família e a cidade*, em que afirma também que “o indivíduo pede, hoje, à família tudo o que a sociedade exterior lhe recusa por hostilidade ou indiferença”, VELHO (1981: 13).

É no ambiente familiar que acontece a maior parte das interações, das reivindicações e no qual, primeiramente, são estabelecidas as obrigações de cada indivíduo e para onde converge a maioria das tensões sociais, GOMES (1991: 6). Como primeira instituição de socialização, a família pode ser um ponto de partida para se pensar a sociedade como um todo. A partir dos contatos feitos na pesquisa *Vivendo do Lixo*[1], propusemo-nos mostrar um pouco da organização familiar dos catadores. Para tanto, utilizamos as biografias retiradas do livro *As histórias de vida e as lutas dos catadores de Santa Maria*, as quais nos permitiram analisar características das famílias dos catadores. Neste artigo, pretende-se trazer duas discussões: primeiro, a de que a organização familiar dos catadores em questão serve para pensar as famílias da classe popular, permitindo que nos posicionemos a favor de um movimento

interpretativo que vai do particular para o geral. Segundo, a de que os modelos a partir dos quais é pensada a instituição família devem ser questionados.

Talvez surja a pergunta: por que da utilização do livro com relatos autobiográficos e não de outra fonte como objeto? Acharmos que seria melhor trabalhar com esses relatos, pois evidenciam mais diretamente as descrições dos laços de parentesco dessas famílias de catadores. Em nossos diários de campo, havia o registro de outras informações sobre esses trabalhadores, no entanto, elas não se centravam no tema família. Além disso, o livro aparece como uma ótima oportunidade de trabalhar com uma produção desse grupo, a qual, de certa forma, pode mostrar ao leitor um pouco acerca do contexto no qual estão inseridos os componentes desse grupo e o tipo de influência que recebem dos diversos setores da sociedade que intervêm em seu auxílio.

O objetivo não é definir uma organização familiar padrão para o grupo, porque em qualquer sociedade as famílias não são iguais, o que põe à prova o modelo ideal de família nuclear utilizado, inclusive, por alguns pesquisadores em seus estudos. De fato, é possível observar algumas características comuns entre as pessoas desse grupo, porém, elas não servem de identificação a ponto de lhes atribuir um rótulo. De qualquer forma, suas semelhanças com outros estudos feitos em classes populares podem contribuir para se questionar categorias pré-estabelecidas.

Em um primeiro momento, fizemos uma busca por bibliografia sobre família e classe popular. Depois, foi realizada uma leitura cuidadosa do livro de autoria dos catadores, a partir da qual tentamos esquematizar a genealogia das famílias de todas as pessoas que narraram suas biografias no livro, totalizando 24 relatos. Contemplamos em nosso estudo todos os relatos para dar maior representatividade às constatações relativas aos dados coletados, além disso, por se tratar de um grupo pequeno, tornou-se difícil a seleção de uma amostra. Para que pudéssemos visualizar os formatos das famílias, as genealogias foram dispostas em diagramas, sendo que alguns deles serão utilizados no decorrer do texto para exemplificar determinadas afirmações. Enfatizamos que, antes de qualquer coisa, não estamos defendendo o uso desse tipo de sistematização dos dados, essa opção é um exercício com o intuito de desenvolver algumas habilidades na utilização de determinadas técnicas de pesquisa importantes nessa fase de formação acadêmica.

Iniciamos fazendo uma descrição do livro utilizado como material de pesquisa, citando os capítulos que o compõem e os comentários de colaboradores e organizadores da obra. Na seqüência, tentamos esclarecer certos conceitos utilizados no texto, recorrendo a alguns clássicos dos estudos de parentesco, bem como trazer as discussões mais recentes sobre famílias em classes populares. Finalizamos com a descrição e a análise do caso que nos propomos a estudar, tentando inseri-lo dentro dessas discussões.

2. Descrição do livro “As histórias de vida e lutas de catadores em Santa Maria”

Os relatos utilizados em nosso estudo, como já foi dito, provêm do livro escrito por um grupo específico de catadores, reunidos pela Secretaria de Município da Cultura, Secretaria de Município de Proteção Ambiental e pelo projeto *Esperança/Cooesperança*, no projeto *Catando Cidadania*. As atividades desenvolvidas nesse projeto destinam-se às pessoas que trabalham com o lixo na cidade, entretanto, não abrangem toda essa população, além disso, entre seus participantes havia aqueles que freqüentavam com maior regularidade e outros mais esporadicamente. Os catadores que participaram do livro, em sua maioria, não estavam vinculados às associações ou cooperativas naquele momento. Achamos conveniente fazer uma breve descrição do livro para melhor compreender como se dava a relação entre as pessoas e as entidades envolvidas na sua elaboração.

O livro inicia com o prefácio escrito pelo ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Patrus Ananias de Souza. Ele relata seu primeiro contato com os escritos ou versos dos catadores, os quais falam de mudanças e da passagem de um “catador de lixo para agente ambiental” que, após uma vida de “disputa pela sobrevivência entre os bichos, virou gente cidadão”, DELLAGERISI e TIEMI IDE (2005: 5).

A apresentação do livro é feita pela coordenadora do projeto *Catando Cidadania*, que também é uma das organizadoras do livro, Sra. Regina Celis Dellagerisi. Ela se refere aos catadores como os “valentes cidadãos, heróis do dia-a-dia” (ibidem: 11). Ao iniciar o livro, juntamente com a outra organizadora, Irmã Maria de Lourdes Tiemi Ide, cita Paulo Freire: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (ibidem: 13). Nesse pronunciamento, expõem o objetivo da elaboração do livro: registrar a experiência desse grupo de trabalhadores e mostrar à sociedade um pouco de suas lutas, sonhos e preconceitos vividos. Elas prosseguem descrevendo o grupo e a forma como se deu a escrita do trabalho.

A construção do livro se deu através de encontros nos quais se discutia como catadores iriam se “tornar autores de livro” (ibidem: 15). As 23 mulheres e 1 homem[2] que tiveram seus relatos registrados se dividiram em pequenos grupos[3], nos quais cada um contava o que gostaria de ver publicado, como as próprias organizadoras descrevem:

Depois que cada grupo terminava de contar, pedíamos que escrevessem do jeito deles aquilo que haviam contado. Isso ocorreu de várias formas, porque não faz parte do cotidiano dessas pessoas o exercício da escrita, assim, alguns escreviam frases, outros, textos bem sintéticos em relação àquilo que haviam falado e houve aqueles que pediram para escrever em casa e trazer depois; e por fim, os que disseram não querer escrever, pois preferiam só falar. Para as pessoas analfabetas os outros companheiros fizeram suas histórias; DELLAGERISI e TIEMI IDE (2005: 16).

Após isso, são narradas as biografias dos autores, segundo eles mesmos. O próximo capítulo descreve as ações que o projeto *Catando Cidadania* desenvolve. Um deles é o *Coral dos Catadores*, cuja regente é professora de educação musical e expressa seu prazer em trabalhar com os catadores, pois para ela é uma experiência única de “troca de saberes” (ibidem: 35). Utiliza-se de Paulo Freire para justificar o desenvolvimento do Canto Coral junto ao *Projeto*

Catando Cidadani: O Coral dos Catadores, (ibidem: 35). Também há o Bloco de Carnaval, o Grupo de Teatro e a Oficina de Papel.

O livro possui um capítulo específico, no qual são narradas as histórias de mulheres catadoras e os preconceitos vividos por elas; em outro falam de objetos curiosos que encontram no lixo; seguindo, há os depoimentos dos filhos de algumas das catadoras, e finaliza com um capítulo em que são expostas suas reivindicações junto aos poderes locais, seus desejos e esperanças futuras, para si e para seus filhos. Não desconsideramos que houve influência dos coordenadores do Projeto *Catando Cidadania* e organizadores do livro nos relatos dos catadores, tanto nos temas abordados, quanto na sua disposição em cada narração. Apesar disso, é possível considerá-los úteis para pensar os aspectos da organização das famílias desses catadores.

Questões referentes ao interesse em elaborar um livro retratando autobiografias de catadores de lixo e a forma como estes são vistos pelos organizadores do livro, poderiam ser submetidas a maiores reflexões, porém, se a fizéssemos com base apenas no livro faríamos conclusões precipitadas. Acreditamos que, para realizar esse tipo de estudo necessitaríamos manter diálogos com as pessoas envolvidas nesse projeto, a fim de ter um controle sobre os dados que seriam afirmados.

3. A Organização Familiar

Antes de descrever a família desses catadores, é necessário contextualizar a terminologia utilizada, bem como algumas discussões sobre organização familiar. Deter-nos-emos, primeiramente, em tentar esclarecer o que estamos chamando por classe popular.

Definir o que se está chamando de grupos populares não se configura em algo muito fácil. Para Sharpe, o motivo disso é: “...o povo, mesmo a tanto tempo atrás, como no século XVI, compunha um grupo muito variado, dividido por estratificação econômica, culturais, profissionais e sexo” (1992: 43-44). Segundo Thompson, deve-se fugir de qualquer tipo de generalização que não leve em consideração essa diversidade, a cultura popular teria que ser situada no lugar material que lhe corresponde “...se tornando um conceito mais concreto e utilizável, não mais situado no ambiente dos ‘significados’, atitudes e valores, mas localizado dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um ambiente de trabalho de exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos ritos do paternalismo e da deferência”, (s.d: 17).

Dessa forma, entendemos a categoria classe popular não apenas a partir da variável econômica, pois, como Sharpe, consideramos que há uma diversidade de outros fatores. Além disso, não se pode limitar classe popular apenas às pessoas que necessitam de nossa ajuda e compaixão. É preferível enquadrá-las ao que Thompson estava chamando de equilíbrio das relações sociais, ambiente de exploração e resistência à exploração. A escolha desse grupo de catadores para a realização desse estudo se deu pelo fato de ele ser bastante representativo para o que se estava chamando de classe popular, com relação à renda, gostos, e meios de

sociabilidade, de acordo com a diversidade proposta por Sharpe e o equilíbrio de relações sociais abordadas Thompson.

No que diz respeito a organização familiar, partimos da idéia de que existe um modelo ideal de família que orienta a forma de percebê-la na sociedade. Por conta disso, muitas das famílias aqui apresentadas são tidas como desorganizadas por não atenderem a esse modelo.

Para Bourdieu, a definição de família apóia-se em uma “constelação de palavras” que, ao tentar descrevê-la, constrói a realidade social, BOURDIEU (1996: 124). Sendo a família composta de pai, mãe e filhos vivendo juntos, um privilégio considerado norma universal [4], as pessoas buscam orientar suas vidas e as vidas de outras pessoas de forma a aproximar-se dessa construção da realidade. Ainda segundo Bourdieu, esse privilégio seria o principal responsável pela transmissão de outros privilégios econômicos, culturais e simbólicos. Assim, a família tem um papel importante na manutenção da ordem social e na reprodução social.

Lévi-Strauss diz que os sistemas de parentesco resultam dos “jogos e leis gerais mais ocultas”, LÉVI-STRAUSS (1989: 49), os quais forneceria às culturas “o princípio ativo que regula” as relações sociais (ibidem: 65), salientando que este assumiria uma importância diferente em cada cultura. Este último ponto é reforçado por Fox, quando explica que “eles representam, tão somente, formas alternativas de organização das coisas”, FOX (1966: 19). O autor ainda irá acrescentar que os sistemas de parentesco podem mudar, pois eles existem para dar respostas a certas necessidades e cumprir certas tarefas, logo, se estas mudam, os sistemas terão de mudar também.

A partir disso, podemos dizer que sistemas de parentesco são regras gerais que orientam as relações para a formação de família e o tipo de comportamento que cada membro deve ter para com os demais. Tais sistemas não são iguais para todas as culturas, nem assumem dentro destas a mesma importância. Além disso, estão aptos a mudanças para poder atender às necessidades criadas por cada grupo.

Ao orientar as relações dos indivíduos na organização familiar, os sistemas de parentesco introjetam um modelo ideal a ser seguido. No caso brasileiro, a forma como a família é tratada parte de um modelo patriarcal associado à presença de parentes, e um sistema hierárquico e de valores com destaque para a autoridade paterna. Ou então, no outro extremo do modelo, temos o da classe média urbana, usado na mídia e centrado ao redor das funções reprodutivas com destaque para o cuidado da criança, GOLDANI (1998: 15).

Apesar de instituído um modelo ideal para a organização interna da família, há de se levar em consideração dois pontos: esse modelo não necessariamente assumirá importância igual para cada grupo, LÉVI-STRAUSS (1989: 65), e as circunstâncias reais a que os indivíduos estão sujeitos – tais como: mudanças, maior longevidade, à qual acarreta um tempo maior de convivência entre as gerações; questionamento dos modelos de autoridade e redefinições dadas pela legislação quanto ao papel da mulher e da criança – podem impossibilitar a realização do modelo, de forma que a família constituída na realidade pode diferenciar-se, e muito, do ideal.

Na medida em que isso acontece e passa a ser visualizado por toda a sociedade, a qual, em larga medida, compartilha dos modelos ideais, poderá, a estrutura de grupos populares ser tachada de família desorganizada. Segundo GOMES (1991), isso é corroborado pelos escassos estudos na área, além disso, os poucos que se propõem a investigar as dinâmicas familiares partem de uma visão etnocêntrica, executando uma análise a partir de um padrão ou modelo representativo da família brasileira contemporânea, igualmente pouco conhecido e referente às camadas médias urbanas. Claudia Fonseca, no primeiro capítulo do livro *Família Fofoca e Honra*, afirma:

Há séculos, o discurso das classes privilegiadas sobre o comportamento dos pobres oscila entre a compaixão e a condenação indignada. Enquanto os etnólogos vão longe para encontrar povos exóticos, cujo estudo nos ensina 'verdades fundamentais do homem', os costumes de nossos pobres apenas são considerados para facilitar intervenções educativas (para 'ajudar' ou 'recuperar'). Em nossas favelas, raramente reconhecemos uma cultura digna de interesse quando não há distanciamento étnico (ciganos, negros, etc.) ou histórico (os 'quilombos' do século XVIII). Por mais que se admita que 'eles', os pobres nos seus guetos, sejam nitidamente diferentes de 'nós', esta diferença é interpretada como forma degenerada ou patológica de nossa organização social, ou seja, a das classes dominantes. Para falar de povos longínquos, agilizam-se conceitos tais como 'ritos agonísticos', 'sociabilidade tribais' e 'famílias consangüíneas'. Chegando perto de casa, estes são substituídos por termos tais como 'violência', 'promiscuidade' e 'famílias desestruturadas'. Relativizar as práticas de pessoas que partilham de nosso universo é questionar nossos próprios valores; é admitir as contradições de um sistema econômico e político que cria sub grupos com interesses quase opostos (FONSECA, 2004:13-14).

Nesse sentido, falaremos um pouco sobre a organização interna das famílias descritas nos relatos de alguns catadores santa-marienses. Pretendemos mostrar que eles trazem algumas características que podem, não só servir para pensar esse grupo, como também questionar alguns valores que permeiam a noção de família.

Em nosso estudo, não são levados em consideração os familiares que não foram citados. Considera-se que a descrição ali posta é suficiente para o que nos propomos fazer. De certa forma, pode-se dizer que essa é a visualização que os catadores têm de suas famílias naquele momento e sobre o que lhes foi proposto falar. Feito isso, tentamos obter algumas generalizações que pudessem ser feitas ao grupo como um todo ou pelo menos a sua maioria.

Após termos esboçado, em diagramas, as genealogias descritas nas biografias, o primeiro fato que nos chamou atenção foi as referências feitas a cada geração. Assim, foi possível perceber que: a) em 7 dos 24 casos, foram descritas 1 geração ascendente e 1 descendente, ou seja, pais, irmãos e filhos; b) em 5 casos, foi apenas descrita a geração do ego e 1 descendente; c) em outros 5, foram descritas a geração do ego, 1 geração ascendente e duas descendentes, ou seja, pais, irmãos, filhos e netos; d) em 2 casos, apareceram a geração do ego e duas descendentes; e) havia apenas 1 referência para cada caso seguinte: irmãos, filhos, netos e bisnetos; avós, pais, irmãos, filhos e netos; avós, pais, irmãos e filhos; pais e irmãos; e 1 que não fez referência aos familiares.

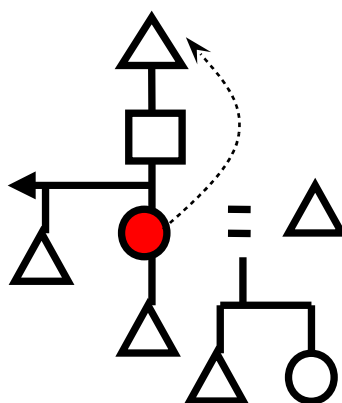
Percebe-se, dessa forma, que as referências se fazem, em sua maioria, dentro de 3 gerações e que quase todas se referem aos filhos, sendo que as que se estendem a mais gerações, na maioria delas, o fazem às descendentes. Nos dois casos em que ocorre a citação da geração dos avós, isso acontece porque a pessoa foi criada pelo avô (Diagrama 1) ou porque o ego comenta um fato de tensão entre seus pais, em que há interferência da avó paterna em favor do pai. No diagrama a seguir, a catadora (o ego), que foi criada pela avó, relatava ter um sobrinho e, antes de ter filhos com o atual cônjuge, já possuía um filho.

Legenda para os diagramas



Os significados para os símbolos descritos na legenda foram baseados na descrição feita por Fox, em *Parentesco e Casamento: Uma Perspectiva Antropológica* (1966). As gerações de netos e bisnetos não aparecerão diretamente ligadas a um indivíduo da geração anterior. Como não encontramos na bibliografia pesquisada sobre parentesco formas de representar os filhos quando desconhecemos quem são seus pais, optamos por demonstrar essa ligação com um traço em direção à geração anterior.

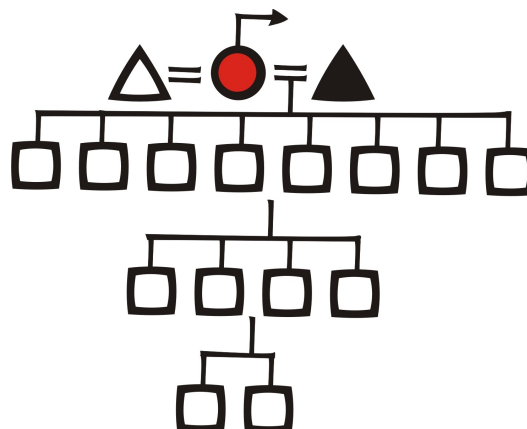
Diagrama 1



Assim, parece que a maioria das famílias não é muito extensa em suas gerações e que os relatos se referem às pessoas que fazem parte de suas vidas no momento presente. É claro que não há como se afirmar que essas pessoas possuem uma curta memória de suas gerações anteriores, até porque as condições em que foram incitadas a escrever, como catadoras, não necessariamente exigiam que deveriam citar pessoas cuja influência era irrelevante para a sua situação atual.

No que concerne ao estado civil das autoras (existe apenas 1 autor homem e este não declara seu estado civil), a maioria delas se encontra casada, entendendo-se por casamento qualquer tipo de união, civil, religiosa ou “morar junto”. O total de casadas somam 13 mulheres, destas, 5 encontram-se nessa situação pela segunda vez, seja por ficarem viúvas, seja por terem se separado (Diagrama 2).

Diagrama 2



Nesse caso, a senhora (o ego) falou dos filhos, netos e bisnetos que teve de um primeiro casamento. No momento, ela encontra-se com outro companheiro.

Também é possível identificar algumas pessoas que não se referiram ao seu estado civil. Em um dos relatos, a catadora fez referência a filhos e netos, mas em momento algum comentou sobre um marido ou companheiro com quem teve esses filhos. Isso pode nos remeter à possibilidade de ela ter exercido a função de chefe de família.

Nos estudos de GOLDANI (1991: 16), partindo-se de estatísticas das estruturas domiciliares retiradas dos dados do IBGE, 1970-1987, observou-se que havia um aumento do número de famílias monoparentais chefiadas por mulheres. Em nossos dados, é possível perceber que 6 senhoras não apontavam seu estado civil, das quais 5 possuíam filhos, além de 1 que havia criado 2 sobrinhas. Também há 2 senhoras que continuam separadas e 2 viúvas, sendo que 1 destas afirmou que, após o falecimento do marido, ficou mãe e pai ao mesmo tempo. Apesar de nem todos os relatos nos permitirem afirmar que essas senhoras não tenham um companheiro ou mesmo um parente responsável por elas, ou informação sobre a residência dos seus filhos, em outros, elas declaram estarem na condição de chefes de família.

Com relação ao número de filhos, o quadro abaixo permite visualizar os 24 casos.

Idade das mães e quantidade de filhos

Nº de filhos	2	3	4	5	6	8	9	18	Não comentaram ou não possuem filhos
Idade das mães	26	55	44	37	39	50	50	52	
	61	29	63		37	61			34
	22	27	46		43				41
	40	68			39				23
		42							

Observando a tabela, nota-se que 9 mulheres tiveram de 2 a 3 filhos e, destas, 4 estão com menos de 30 anos, ou seja, em idade reprodutiva. Entre as que tiveram de 4 a 6 filhos, estão 8 mulheres e 4 destas estão entre 35 e 40 anos. As pessoas que possuem mais de 8 filhos são 4, e as que não tiveram ou não indicaram filhos totalizam 3 pessoas. Percebe-se, assim, a tendência a um elevado número de filhos.

Além desses dados quantitativos, evidentes na observação do quadro e dos diagramas, há outros que também merecem atenção. Estes são expressos na descrição que as catadoras fazem do tipo de relacionamento que mantêm com alguns de seus familiares.

Um deles seria o fato de existir uma relação de trabalho entre parentes em algum momento de suas vidas. Por exemplo, pais e filhos que trabalharam juntos na lavoura antes de morarem na cidade ou que trabalham na catação[5]; a recorrência a um irmão para ir trabalhar em outras cidades ou sociedade, entre irmãos, da carroça de catar lixo. Isso não impede que haja conflitos devido a interesses divergentes por alguma das partes ou pela sensação de estar sendo prejudicado.

Ao lado disso, existe a responsabilidade familiar para com o cuidado das crianças, em que aparecem casos como o irmão mais velho cuidando dos mais novos, a avó cuidando dos netos ou bisnetos e, mesmo, a tia criando a sobrinha. Há um caso em que essa responsabilidade é totalmente atribuída à mãe. Essa situação é descrita pelo ego que conta ter dedicado sua vida inteiramente aos filhos, pois o marido não lhe permitia trabalhar fora, de modo que qualquer coisa que acontecesse aos filhos, ela seria cobrada pelo marido, que a culpava.

Podemos perceber também o tipo de educação e o comportamento que a família tenta passar a seus filhos, em especial às mulheres: algumas das catadoras comentaram que tiveram a adolescência regulada pelos pais, avós ou irmãos, não podendo usar roupas curtas, sair ou ir a bailes. Há casos em que as catadoras ou suas filhas tiveram parte de sua escolaridade num convento, em um desses casos, a mãe havia sido violentada em sua adolescência e seu pai, após saber disso, proibiu-a de voltar para casa, considerando que ela teria sido culpada pelo fato. Com efeito, o cuidado que a catadora teve foi de preservar sua filha desse tipo de acontecimento. Outra catadora foi censurada pelo irmão por ter ido ao ginecologista, porque isso “não é coisa de mulher direita”, DELLAGERISI e TIEMI IDE (2005: 46). Essa mesma pessoa se sente influenciada pelas idéias do avô que a criou, o qual considera “que há coisas de homem e coisas

de mulher”, de forma que “fica com isso na cabeça” (ibidem: 46) quando precisa realizar alguma tarefa mais pesada.

Essas situações nos propiciam refletir sobre a relação entre homem e mulher, relação entre pais e filhos ou entre aqueles que criam e são criados. Conforme visto, há casos em que são atribuídos papéis às mulheres e aos homens, cabendo à mulher a criação dos filhos e ao homem trabalhar fora, sendo destinada às filhas a imagem de mulher direita.

Os dados aqui expostos a cerca da organização familiar dos catadores, tais como mulheres chefes de família e a tendência a ter um grande número de filhos, já são amplamente conhecidos por profissionais da nossa área. Nossa intenção em insistir nesses aspectos deu-se por dois motivos: primeiro, eles de fato estão muito visíveis no material que utilizamos como fonte. Segundo, tais aspectos constituem o que podemos chamar de um “*ethos* de classe popular”, entendido no sentido atribuído por Geertz, no qual *ethos* é “o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.” GEERTZ (1978: 43).

Dessa forma, é possível perceber a centralidade da família na vida dessas pessoas. Através do parentesco, as pessoas estabelecem laços de trabalho, os valores que ditam o comportamento masculino e o feminino, o que é “certo” ou “errado” na educação dos filhos, bem como a quem cabe a responsabilidade de educar e sustentar as crianças. Ou seja, existe uma organização nessas famílias, mesmo que estas não satisfaçam totalmente, nem aos modelos ideais de família brasileira vindos do patriarcalismo, nem o de família nuclear presente nas classes médias urbanas. Isso põe por terra a idéia de famílias desestruturadas por vezes atribuída a esses grupos. O modelo em famílias populares está muito mais próximo de uma dinâmica entre as formas de parentesco possíveis e aos laços afetivos dados por esta. Sua visualização nos remete ao que denominamos acima como *ethos* de classe popular.

4. Considerações Finais

Os casos aqui relatados abrem margem para pensar em questões mais gerais. Estariam essas famílias passíveis de serem classificadas como modelos ideais? E, caso contrário, seriam então desestruturadas ou desorganizadas? Como exposto acima, os modelos nem sempre assumem igual importância para todos os grupos, bem como as diversas situações de cada momento podem impossibilitar o indivíduo de concretizar os modelos pré-estabelecidos como corretos. Das situações descritas acima, é possível que algumas se aproximem do modelo ideal de família, enquanto outras tendam a se afastar dele. Afinal, é impossível colocar na prática um modelo ideal e, mesmo que isso fosse possível, não se poderia tachar outras formas de organização como desestruturadas ou desorganizadas, pois a definição do que é certo ou errado não passa de uma questão de valores.

A partir das constatações sobre o grupo pesquisado (a saber, referências a poucas gerações; provável tendência das famílias a serem chefiadas por mulheres; relações de parentesco na organização de suas vidas para o trabalho e o cuidado das crianças; crianças como uma das preocupações centrais na família e certa separação de gênero nas tarefas), é notável,

por mais que esses catadores sejam um grupo específico, que essas características permitem que eles sejam inseridos na categoria sociológica de classe popular, sem generalizações.

Questões como trabalho, a forma de os catadores se perceberem enquanto cidadãos, as relações que estes estabelecem com diversas esferas da sociedade (igreja, meio acadêmico, governo), estão relacionadas aos catadores e merecem ser debatidos em outros estudos. Além de esses dados nos fornecerem um conhecimento maior sobre este tipo de trabalho e sua implicação para a sociedade em geral, também podem evidenciar outros aspectos do que nos referimos como *ethos* de classe popular. Pelo espaço que tínhamos neste artigo, e pelo que nos propomos estudar, estas questões não puderam ser inseridas.

No tocante às residências dessas famílias, nada foi dito a respeito. Não há referência sobre como ou com quem moram, nos seus relatos. Mas é uma questão interessante a ser tratada em futuros trabalhos nessa área, visto que este é um fator que muito influi na organização familiar. Além disso, é interesse retomar que, com exceção de um relato presente no livro, em todos os outros a família é lembrada, o que nos leva a crer na importância que a família assume no grupo. 🗨️

NOTAS

* Simone Lira da Silva é aluna de graduação do 8º semestre do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Participou da pesquisa *Para além do Lixo: Um Estudo sobre o Trabalho e o Estilo de Vida dos Catadores de Lixo de Santa Maria* durante o período de 2004 a 2005. Atualmente, participa como estagiária não remunerada de iniciação científica no projeto “*Italianos*” na *Imprensa Santa-Mariense (1990-2005)*, GEAIC/CCSH nº 017512. Desenvolve trabalho de conclusão do curso com catadores organizados em uma Associação de Seleccionadores de Matérias Recicláveis em Santa Maria - RS. simoneliradasilva@yahoo.com.br

Tatiane Melissa Scoz é aluna de graduação do 7º semestre do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. Participou da pesquisa *Para além do Lixo: Um Estudo sobre o Trabalho e o Estilo de Vida dos Catadores de Lixo de Santa Maria* durante o período de 2004 a 2005. Atualmente, é monitora da disciplina de Teoria Antropológica B, ministrada pela professora Maria Catarina Chitolina Zanini no Curso de Ciências Sociais da UFSM. Desenvolve trabalho de conclusão do curso sobre grupos de *Rap* e o *Hip-Hop* em Santa Maria -RS. tatiscoz@yahoo.com.br

Professor orientador: Fernando Paetzel. Professora Colaboradora: Maria Catarina Chitolina Zanini

[1] Pesquisa realizada pelos alunos do curso de Ciências Sociais da UFSM, entre 2003 e 2005, que buscava um olhar antropológico sobre a profissão dos catadores e seleccionadores de lixo de Santa Maria.

[2] Este senhor não faz referência a nenhum de seus familiares. Apesar disso, no relato de umas das catadoras, podemos identificar que ela é sua mãe e que, no momento, ambos moram e

trabalham juntos. Ele apenas conta que morou na rua dos 8 aos 17 anos e comenta sobre alguns amigos que morreram num acidente.

[3] A divisão se deu pela proximidade geográfica e os encontros ocorriam em casa, em galpões ou onde fosse possível se encontrar.

[4] “Privilégio de fato que implica um privilégio simbólico: o de ser como se deve, dentro da norma, portanto, de obter um lucro simbólico da normalidade. Aqueles que têm o privilégio de ter uma família adequada podem exigi-la de todos, sem ter de se perguntar pelas condições (por exemplo, uma certa renda, um apartamento, etc.) de universalização do acesso ao que exigem universalmente”, BOURDIEU (1996: 130 - 131).

[5] Utilizamos esse termo para nos referirmos ao trabalho de catar de lixo, mesmo para as pessoas que executam, no momento da pesquisa, o trabalho de seleção do lixo em cooperativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIES, Philippe. A Família e a Cidade. IN.: VELHO Gilberto e FIGUEIRA, S. (org.). **Família, Psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

DELLAGERISI, Regina Celis e TIEMI IDE, Maria de Lourdes (orgs.). **As Histórias de Vida e as lutas dos Catadores de Santa Maria. Projeto Catando Cidadania**. Santa Maria: Gráfica editora pallotti, 2005.

DONZELOT, Jaques. **A polícia dos familiares**. Tradução: M.T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2ª. ed., 1986.

FONSECA, Claudia. **Família fofoca e honra: etnografia de gênero e violência entre grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação**. IN. *Revista brasileira de educação*. São Paulo: [s.n.] out. 1999.

FOX, Roben. **Parentesco e casamento: Uma perspectiva antropológica**. Lisboa: Coleção Veja Universidade, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDANI, Ana Maria. **A crise familiar no Brasil hoje. Local. Travessia, revista do migrante**. n.º 9. p. 14-21. jan/abr. 1991.

GOMES, Jerusa V. **Família popular: mito ou estigma?. Local. Travessia, revista do migrante**. São Paulo, n.º 9. p. 5-9. jan/abr. 1991.

LEVI-STRAUSS, Claud. **Análise Estrutural em lingüística e em antropologia. Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1989.

SHARPE, Jim. “A História Vista de Baixo”. In: BURKR, Peter (org.) **Escrita da História** Novas Perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

THOMPSON, E.P. **“Introdução Costume e Cultura”**. In: **Costume em Comum**. São Paulo: Campanhia das Letras, s.d.